

**RAJAGOPALAN, K. *A NOVA PRAGMÁTICA:  
FASES E FEIÇÕES DE UM FAZER.*  
COLEÇÃO LINGUA[GEM] 44. SÃO PAULO: PARÁBOLA  
EDITORES, 2010.**

Ruberval Ferreira\*

*A Nova Pragmática: Fases e Feições de um Fazer* é uma coletânea de textos avulsos que reúne, em doze capítulos, as principais discussões feitas por Kanavillil Rajagopalan, ao longo de três décadas, sobre o vigoroso legado teórico de John Langshaw Austin. O livro representa o percurso de suas reflexões sobre a teoria dos atos de fala e, principalmente, sobre como essa teoria foi apropriada por seu discípulo mais ilustre, John Searle, que se colocou providencialmente, em oportuno momento, como seu continuador, seu herdeiro mais legítimo e a quem deveria ser dada a nobre tarefa de colocar o elemento que faltava para que ela pudesse, enfim, gozar do *status* de uma teoria propriamente dita.

Com exceção do primeiro capítulo, que traz uma síntese da trajetória intelectual do autor, de seu interesse pelo assunto e do que se deve entender por uma nova pragmática, todos os outros foram previamente publicados sob forma de artigos, a maioria em língua inglesa, nos principais periódicos internacionais da área e em diferentes momentos e lugares. Esses artigos trazem uma característica muito peculiar: podem ser lidos como capítulos de uma reflexão cuja narrativa procura vencer o cansaço e a aridez dos velhos tratados. E a receita é simples: trata-se de um autor que abre o jogo não só de uma das mais importantes reflexões sobre a linguagem e das cartas escondidas nas mangas de seus principais jogadores, mas, sobretudo, da própria ciência linguística, que historicamente tem resistido ao potencial transformador da teoria dos atos de fala, na forma como esta foi pensada inicialmente por Austin. Digo inicialmente porque a teoria dos atos de fala que se tornou conhecida em todo o mundo acadêmico não coincide necessariamente com as aspirações teóricas de seu mentor, como bem podemos ver no capítulo cinco desta coletânea.

Ao longo de suas reflexões, Rajagopalan observa que a teoria dos atos de fala se tornou conhecida no mundo inteiro mais pelas mãos do filósofo John Searle do que propriamente pelas mãos de Austin. O autor mostra que é comum ver os estudiosos confundir o divulgador da teoria com o seu inspirador e basear seus estudos nas intervenções que o divulgador da teoria fez no pensamento original do inspirador, sendo os dois, frequentemente, vistos como se fossem “um par de vozes inseparáveis”.

---

\*Ruberval Ferreira é professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). É doutor pelo Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Realizou estágio doutoral na *École des Hautes Études em Sciences Sociales* de Paris, sob a supervisão de Jacques Derrida.

O que vemos, entretanto, é que a teoria dos atos de fala do inspirador e a teoria dos atos de fala do divulgador são dois pontos de vista absolutamente inconciliáveis. Enquanto o mentor da teoria se esforçou para mostrar que a linguagem é um bicho indomável, que se furta o tempo todo ao cabresto da formalização, o seu divulgador fez exatamente o contrário: pegou a fala de seu mestre e acrescentou o que ele julgava faltar para que a teoria em questão desse conta do nobre desafio em vista e a linguagem, fera indômita, pudesse, finalmente, ser domesticada pelas vias da formalização, o que significa, em outras palavras, ter os seus usos previstos por uma taxonomia qualquer.

O livro mostra, em vários momentos, como Searle soube se apropriar magistralmente de uma discussão que via a linguagem como fenômeno sempre a reboque das contingências sociais e históricas, como fenômeno que se furta a toda tentativa de sistematização, para fazer exatamente o contrário: provar que os usos da linguagem podem ser previstos porque se prestam a uma classificação. O autor destaca que a notoriedade e fama que Searle ganhou, depois de se apresentar ao mundo como o herdeiro-mor da teoria dos atos de fala, deve-se exatamente ao fato de ele ter conseguido, aos olhos do *mainstream* filosófico-linguístico, fazer o que Austin não tinha conseguido em suas insistentes tentativas: encontrar o antídoto para a rebeldia da linguagem, sintetizada pela imprevisibilidade da força ilocucionária de todo ato de fala e pela perlocução advinda desta força. Em outras palavras, propor uma Teoria dos Atos de Fala que pudesse prever todos os usos linguísticos e que estivesse totalmente comprometida em fazer o que tanto tranquiliza o coração dos homens: classificar, sistematizar, por ordem nas coisas, conhecer para se acalmar e perder o medo, no caso, do que se coloca desde o início como algo furtivo, inclassificável, imprevisível. No entanto, o que vemos ao longo das discussões feitas por Rajagopalan é mais a esterilização de um autor cuja teoria (ou seria melhor falar de uma anti-teoria?) tinha tudo para revolucionar os limites da linguística e o debate sobre linguagem e sua intangível complexidade, do que a continuação de uma teoria inacabada propriamente dita.

Outro elemento que merece um esclarecimento é o próprio título da obra: a *Nova Pragmática*. O novo aqui deve ser visto como remetendo à noção de iterabilidade em Derrida, à ideia de um desvelamento crítico instaurado não só pela repetição de uma teorização, mas, sobretudo, por uma nova e necessária leitura. Em Derrida, a iterabilidade da linguagem diz respeito não só à possibilidade de repetição, mas à possibilidade de um novo sentido para o que se repete, uma nova forma de inscrição histórica ou uma nova forma de agir com a linguagem. E nisso reside todo o potencial de transformação desse fenômeno tão indômito quanto fascinante – o novo sentido – sensível à escuta do que precisa ser superado nas relações humanas e, por extensão, na linguagem. Se o livro nos exorta a alguns arremates, este certamente é um dos mais prementes.

Da mesma forma que a teoria dos atos de fala de Austin, que se estendeu da filosofia aos mais variados campos das ciências aplicadas, este livro tem um alcance também muito vasto, uma vez que tematiza aspectos da linguagem que são extremamente importantes para se pensar uma série de questões. De maneira geral, o livro é bastante útil aos pesquisadores que vêem a linguagem não só como um modo de ação, mas, sobretudo, como algo que demanda intervenção, algo que

carrega em si a necessidade da sua própria crítica, como tão bem lembrou Derrida, um dos principais leitores do legado de Austin e certamente um dos teóricos que mais se opôs à forma como sua teoria foi apropriada por John Searle.

De maneira geral, as discussões que Rajagopalan empreende neste livro vão além de um simples desvelamento da Teoria dos Atos de Fala. Essas discussões, que mobilizam nomes de peso, tais como Nietzsche, Marx, Derrida, trazem importantes acréscimos à teoria, não só no que diz respeito às leituras oficiais da academia, mas, sobretudo, no que se refere às práticas de linguagem na vida social, chamando nossa atenção para um aspecto crucial dessas práticas, geralmente negligenciado pelas disciplinas que pensam suas questões também a partir da linguagem: sua dimensão ético-política. Uma das mais importantes conclusões a que podemos chegar da leitura deste livro se afina com umas das sacadas que Derrida fez da obra de Austin e que ganha ressonância nas reflexões que Rajagopalan fez em vários momentos sobre a obra de Austin: é porque Austin esteve o tempo todo falando de ética, mesmo sem a devida consciência disso, que precisamos levar a linguagem a sério. É precisamente porque dizer é um ato ao mesmo tempo ético e político, um ato que se dá entre possibilidades e traça fronteiras, gerando consequências, que a linguagem demanda que intervenhamos nela. A “nova pragmática”, a meu ver, traz a linguagem e todas as suas consequências para o nosso colo – lugar mais do que devido – o que significa: a responsabilidade por tudo o que fazemos quando dizemos.

### **Bibliografia<sup>1</sup>**

AUSTIN, J. L. **Quando Dizer é Fazer**. (Trad. Danilo Marcondes). Porto Alegre: Artmed, 1990.

DERRIDA, J. “Assinatura acontecimento contexto”. In: **Margens da Filosofia**. (Trad. Joaquim Torres Costa e Antonio M. Magalhães). Campinas: Papirus, 1991.

\_\_\_\_\_. “Remarks on Deconstruction and Pragmatism”. In: MOUFFE, C. (Org.). **Deconstruction and Pragmatism**. London/New York: Routledge, 1996.

FERREIRA, R. **Guerra na Língua: Mídia, Poder e Terrorismo**. Fortaleza: Eduece, 2007.

RAJAGOPALAN, K. **A Nova Pragmática: Fases e Feições de um Fazer**. São Paulo: Parábola, 2010.

---

<sup>1</sup>Abro mão de colocar no interior do texto referências (mesmo contrariando as normas da revista), pois o próprio gênero “resenha” me permite tal escolha. A bibliografia listada refere-se aos pensamentos que foram sendo construídos ao longo de minha escritura.

